

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS A PARTIR DA OBSERVAÇÃO/PARTICIPANTE NA SALA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL DO BAIRRO DO JARDIM IRACEMA

Luciane de Sousa Araújo (1); Leonízia de Sousa Nunes (2); Crisnany Kesley Freitas de Sousa (3); Maria Anita Vieira Lustosa (4).

1. *Universidade Estadual do Ceará – UECE- lucianearaujo663@gmail.com*
2. *Universidade Estadual do Ceará – UECE- leoniziasousa7@gmail.com*
3. *Universidade Estadual do Ceará – UECE- crisanekesley@gmail.com*
4. *Universidade Estadual do Ceará – UECE- anita_lustosa@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência vivida no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa II, que teve como objetivo analisar as situações que permeiam o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de ensino de Fortaleza. Para subsidiar nossa pesquisa contamos com a contribuição teórica de: Ferreira (2005), Freire (1987), Severino (2007), Soares (2003) e Teberosky (2012). A metodologia que sustenta este relato de experiência está pautada na pesquisa bibliográfica, documental e de campo onde realizamos observação participante e descrevemos os momentos em que observamos a prática da professora regente e também realizamos atividades pedagógicas na sala campo de estágio. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: observações da prática pedagógica da professora, no intuito de evidenciar como as práticas desenvolvidas por estas professoras contribuem no processo de alfabetização e letramento das crianças e na segunda etapa, foram desempenhadas duas intervenções envolvendo alfabetização e letramento. Fomos sorteadas com a linguagem Fotográfica para trabalhar com os alunos do 1º ano, como forma de alcançar a consciência acerca das variedades linguísticas, bem como exercitar a prática da fala, da escuta, da escrita e da leitura, sem dúvida, torna-se interessante essa variação nas instituições de ensino. Contudo nos foi possível atentar sobre a importância de alfabetizar e letrar andarem juntos e como pode ser importante e significativo auxiliar nesse processo. Compreendemos que a criança passa por uma série de estágios antes que compreenda a natureza do sistema alfabético de escrita, e que cada uma dessas etapas caracteriza-se por esquemas conceituais específicos. Concluímos então que a experiência vivida no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa II no curso de Pedagogia foi uma experiência enriquecedora e gratificante, pois tivemos a oportunidade, mesmo que durante pouco tempo, de vivenciar o que é ser professor de verdade, na prática, e não apenas em teorias e, principalmente estar em contato com nossa futura profissão.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Prática pedagógica.

Introdução

Este trabalho teve como objetivo analisar as situações que permeiam o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Fortaleza. Esse relato realizado, através do diário de campo foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa II no curso de Pedagogia, explorando os aspectos

relacionados ao contexto de trabalho, abordando os desafios que emerge a atividade profissional.

O Diário de Campo é produzido individualmente e funciona na disciplina como um instrumento de registro, que permite o acompanhamento pelo professor das atividades e reflexões de cada aluno e apoia a organização de leituras e discussões em classe.

Na cidade de Fortaleza, no bairro Jardim Iracema, encontra-se a Escola Municipal na qual realizamos a referida pesquisa. É uma escola da rede pública Municipal, cuja missão está em desenvolver nos alunos valores culturais, morais e éticos integrando os elementos da vida social aos conteúdos trabalhados no ambiente escolar, visando compreendê-los como cidadãos que devem ser agentes transformadores da sociedade, além de críticos, responsáveis e participantes.

Nessa mesma perspectiva, cabe aqui contribuir com uma reflexão acerca da metodologia que é trabalhada o letramento e alfabetização dentro da escola pública, pois nossos primeiros pontos de encontro era identificar se a professora entendia o significado de ambos e se era importante para a mesma, esses dois conceitos que é muito discutido no contexto da sala de aula dos cursos de graduação em pedagogia. Com foco nos ensinamentos que a professora da disciplina de Língua Portuguesa nos deu, e com fundamento em Emília Ferreiro (1983) e Magda Soares (2013), não se limitando apenas nelas, mais em diversos autores. Assim, para Magda Soares:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES; 2003, p.14)

Acreditamos que a eficiência e/ou ineficiência dos métodos de ensino e o modo como ocorre à aprendizagem é fator de grande relevância e merece ser estudado, pois os dados estatísticos que aparecem sobre o analfabetismo funcional acabam direta ou indiretamente comprometendo o trabalho do professor alfabetizador, pois muitos alunos apesar de estarem dentro da mesma sala de aula não conseguem acompanhar os outros ficando em sérias defasagens.

Apesar da leitura e da escrita ter sido descoberta a mais de cinco mil anos elas continuam modernas no que se refere à sua importância como meio de comunicação entre os seres humanos. Não podemos negar que elas estão presentes

em nosso cotidiano e já fazem parte de nossa vida mesmo quando não a queremos. A todo instante nos deparamos com a leitura de embalagens, rótulos, bilhetes, revistas, jornais, outdoors, mandamos e recebemos e-mails, mensagens e etc. Pode-se dizer então, que as ações do homem são em sua maior parte, acompanhadas pela leitura e a escrita. E Emília Ferreiro destaca que a maioria dos obstáculos no processo de alfabetização inicia-se em descobrir que “[...] escrever não era uma profissão, mas uma obrigação e que ler não era marca de sabedoria, mas de cidadania”. (FERREIRO, 2005, P. 12)

Ler é importante e o processo de leitura e escrita inserida na alfabetização é um ato maravilhoso, único e gradativo, que exige muito do educando e educador, com práticas exitosas e coerentes com a realidade da criança inerente ao processo. Desse modo Ferreiro e Teberosky, (1986, p. 11) pretendem demonstrar que:

[...] a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 11)

Um ponto primordial ao se tratar de prática pedagógica é reconhecer que os educandos já possuem conhecimentos prévios; assim, é relevante que os educadores façam um diagnóstico inicial do conhecimento de seus alunos, para saber de onde devem partir e planejar suas aulas. Entendemos ainda que, a partir da prática social, o conteúdo terá sentido para os educandos, que irão (re)construir conhecimentos gradativamente e desenvolver uma atitude transformadora da sociedade, pois perceberão que o conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la. Para Freire (1987) para essa prática acontecer deveria existir um bom diálogo com todos os sujeitos do processo, através do diálogo obtinha-se direcionamento dentro da sala de aula, no seu Livro Medo e Ousadia ele destaca:

[...] penso que deveríamos entender o diálogo não como técnica apenas que podemos usar para conseguir obter resultados, ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos humanos (FREIRE, 1987, p.122).

Nesse contexto, os professores devem vincular e aumentar as experiências que os alunos vivenciam em sala de aula, por meio de novos saberes

e práticas pedagógicas alfabetizadoras, dando oportunidade a eles de ler e escrever com propriedade, fazendo uso desses conhecimentos com autonomia, tanto em suas atividades em sala de aula quanto nas relações sociais, para que futuramente alcancem a emancipação e transformação como cidadãos.

Fomos recebidas pela diretora e coordenadora da escola, apresentamos o cronograma para mostrarmos o porquê dessa pesquisa e como seriam nossas visitas. Na sala da diretoria fomos realizando a entrevista com a diretora, onde primeiramente, ela nos mostrou a produção do projeto que é feito mensalmente para acompanhar o processo de leitura e escrita dos alunos, com as metas para serem alcançadas de acordo com o PAIC (Programa de alfabetização na Idade Certa), mostrou outros projetos que a própria escola realiza. Podemos perceber a importância que a diretora não tratava somente dos assuntos burocráticos, como também pedagógicos e se importava com os alunos. Esse projeto é construído a partir dos resultados que a turma apresenta no decorrer do mês, o trabalho é realizado com o objetivo de possuírem o melhor aprendizado e desenvolvimento para a turma.

Notamos que a papelada estava bem organizada, a sala possuía um ar condicionado, um computador, duas mesas, paredes bem claras, armários. Tivemos acesso ao consolidado da turma do 1º ano manhã, as provas que são enviadas da prefeitura, aos projetos mensais. Ela nos mostrou vários projetos que a escola passou para se trabalhar a leitura e escrita, como a maleta mágica, o apadrinhamento, mais educação, o SAEF. No 1º e no 2º ano do ensino fundamental, os professores PRU (professor único) realizam seu planejamento no contra turno e um dia e meio em outra turma, o horário de funcionamento da escola é 07h20min às 11h00min e no período da tarde de 13h00min as 17h00min. São 226 alunos pela manhã e 231 alunos no turno da tarde. A escola da cor verde escuro por mostrar bons resultados nas avaliações de 2016 para 2017, onde receberam prêmios pelos resultados obtidos.

Metodologia

A metodologia que sustenta este relato de experiência esta pautada na pesquisa bibliográfica, documental, associada a uma pesquisa de campo no qual forma realizadas observações participantes in loco que descrevem os momentos em que as estagiarias observaram a prática da professora regente e também realizaram atividades pedagógicas na sala campo de estágio. Severino (2007, p. 120) define a observação participante da seguinte forma:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os 3 pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Fomos sorteadas com a linguagem Fotográfica para trabalhar com os alunos do 1º ano, como forma de alcançar a consciência acerca das variedades linguísticas, bem como exercitar a prática da fala, da escuta, da escrita e da leitura, sem dúvida, torna-se interessante essa variação nas instituições de ensino. Assim, o aluno percebe com mais facilidade a multiplicidade dos usos da língua e as diversificadas situações em que acontece. Os dados aqui apresentados fazem parte dos registros de observação de alunas do curso de Pedagogia.

Na turma, percebemos que a prática com vários gêneros textuais, talvez, trouxesse a oportunidade de conhecimento e contato com textos que pudessem ser lidos por cada um, ouvidos, comentados e reescritos por todos. Acreditamos que através da proximidade com diferentes gêneros textuais, que logicamente veiculam fatos, ideias e configurações diferentes, seria possível alcançar um novo movimento de aprendizado na turma; movimento este que estimule questionamentos, reflexão, curiosidade e criticidade. Assim, encaminha-se a formação de sujeitos e alunos para que se sintam “filhos” desta sociedade, letrada e ágil, contemporânea.

Chegamos à sala para organizar nossa exposição e enquanto arrumamos nosso material, a professora realizou sua rotina. Depois com o material pronto, a professora sentou e deixou que realizassem nossa aula. Apresentamo-nos e pedimos para que eles se espreguiçassem e começamos a perguntar: o que é fotografia? Por que tiramos fotos? Onde tiramos fotos? Qual é o instrumento que utilizamos para tirar uma foto? E assim as respostas foram surgindo, as crianças são muitas participativas e começaram a responder as perguntas que íamos fazendo.

Depois da apresentação mostramos as figuras que foram expostas no quadro branco, primeiro pedimos que eles levantassem devagar e fossem observar do que falavam aquelas fotografias, demos um tempo para que eles observassem e pedimos novamente que agora eles sentassem e nos dissessem o que viram.

Responderam que eram imagens de jogos e brincadeiras, que eles já haviam brincado, na escola, em casa. Todos os alunos participaram e convidamo-los para sentar no chão que íamos contar uma história para eles, utilizamos o livro “Folclorices de Brincar” de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte, apresentamos as fotos, sempre dialogando e estimulando eles a participarem. No livro o “jogo futebol” tinha outro

nome que era “pelada”, as crianças riram muito ao escutar essa palavra, associaram o outro significado, explicamos o que era a “pelada” e com as ilustrações ficou mais fácil eles compreenderem e participarem.

Por último, pedimos que cada um pegasse uma fotografia que representasse a sua brincadeira favorita, entregamos uma folha de papel ofício onde eles iriam escrever o seu nome e o nome da sua brincadeira ou jogo preferido. O futebol foi o mais presente entre os meninos e as meninas as escolha fotos foram aleatórias. A professora nos deixou bem a vontade quanto a intervenção, em nenhum momento houve um obstáculo para que se pudesse realizar nossa intervenção.

Resultados e Discussões

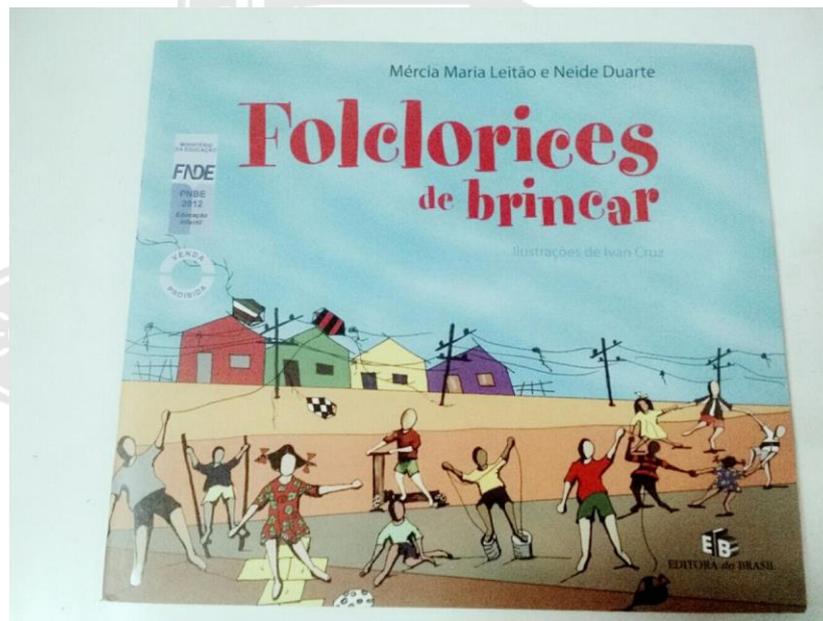
Durante o registro da atividade percebemos que todos escreveram seus nomes, fomos auxiliando os alunos somente para escrever o nome da brincadeira preferida. Um dos alunos nos chamou bastante a atenção, porque escreveu seu nome e sua brincadeira sozinhos e quando ele nos entregou, ficamos surpresas, o nome da sua brincadeira preferida era balanço e ele escreveu B A S, percebemos que ele conseguiu escrever a primeira sílábica e atribuiu valor sonoro.

Foi muito leve realizar a intervenção, principalmente porque os alunos realmente gostam de participar, são carinhosos e a liberdade que a professora nos oferece, permitindo alcançar nossos objetivos, fazendo com que os alunos aprendessem significativamente, a experiência aqui relatada mostrou-se eficiente como metodologia no ensino aprendizagem da linguagem fotográfica.

O período de observação na turma trouxe oportunidades de aprendizado com a prática docente, contato com a realidade escolar e aproximação com alunos-sujeitos que buscam encontrar, no domínio da escrita e da leitura, uma melhor forma de convivência em sociedade. Partindo desse entendimento, percebemos que os alunos costumam realizar práticas de fala, escuta e escrita, isto porque ao assistir as aulas pareceu que a professora sempre os instiga, chama a atenção deles e faz com eles participem.

Diante da pesquisa realizada pudemos ter a oportunidade de observar um espaço alfabetizador e também realizar uma entrevista com a professora da turma e a coordenadora da instituição, quando as mesmas relataram alguns tópicos fundamentais no processo de alfabetização e letramento.

Referente ao espaço sala de aula, percebemos o quanto ele é alfabetizador, sendo que no mesmo se apresentam cartazes do alfabeto, numerais, calendário com os dias da semana, identificação de cada parte da daquele ambiente, murais com imagens, escritas, cantinho da leitura com painel e livrinhos, enfim, tudo o que uma turma de alfabetização necessita no seu processo de ensino, dando pra perceber o quanto as crianças se identificam neste cenário em sala de aula, demonstrando espontaneidade.





Conclusões

Dessa forma, Alfabetizar e letrar são processos indissociáveis, uma vez que a aprendizagem é dinâmica, devido às transformações constantes que vêm ocorrendo na sociedade atual em seus contextos culturais e sociais. Observando essa nova perspectiva, percebemos que já não é mais tarefa exclusiva do professor, mas é compromisso de toda a escola e também da própria sociedade, o grande desafio é de que todos, em parceria, trabalhem juntos, produzindo didáticas de alfabetização que realmente ensinem e não permitam a criança ou o jovem sair da escola sem este conhecimento tão necessário para sua integração no mundo comandado pela linguagem.

Comprendemos que a criança passa por uma série de passos antes que compreenda a natureza do sistema alfabético de escrita, e que cada passo caracteriza-se por esquemas conceituais específicos. Esses esquemas implicam sempre um processo construtivo nas quais as crianças levam em conta parte da informação dada, e introduzem sempre, ao mesmo tempo, algo de pessoal. A atuação na sala de aula pode oferecer ao aluno do curso de Pedagogia um aprendizado da profissão docente, além do aprimoramento pessoal.

Concluimos então que a experiência vivida no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa II, que ocorreu em duas etapas: primeiro com a observação da prática pedagógica da professora colaboradora e, em seguida, com a prática em sala de aula propriamente dita, foi uma experiência enriquecedora e gratificante, pois pudemos, mesmo que durante pouco tempo, sentir na pele o que é ser professor de verdade, na prática, e não apenas em teorias e

principalmente estar em contato com nossa futura profissão.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRO, E. *Los adultos no alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura*. Instituto Pedagógico Nacional (México): Centro de Investigaciones y Estudios Avanzados, 1983.

FERREIRO, E. *Educação e Ciência*. Folha de S. Paulo, 3 jun. 1985, p. 14.

FERREIRO, E. *Lengua oral y lengua escrita: aspectos de la adquisición de la representación escrita del lenguaje*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 9., 1990, Campinas. Anais... Campinas: IEL-UNICAMP, 1990, p. 1-15.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. Editora Cortez. São Paulo. 1993. _____.
Reflexões sobre alfabetização. Editora Cortez. São Paulo. 1991

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Brasil: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 2: unidade 1/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. Brasília: MEC, SEB, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

